O DESENHO COMO FORMA DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL: MEDIAÇÕES PEDAGÓGICA

TANIA CRISTINA DOS SANTOS

RESUMO

Este estudo aborda teorias que desconsideram o desenho infantil como mera aquisição de técnicas e o defendem como um processo de expressão da criatividade, cercada por signos, influenciada por uma cultura e configurada como objeto singular no qual a criança experimenta e vivência suas marcas. O desenho é aqui entendido como apropriação de um sistema de representação. As artes representam uma forma de pensar e uma forma de saber, e tem um compromisso maior com a simbolização do que com o real. O simbólico não é o real, e o modo como cada um representa o real. Por isso, pode-se dizer que as artes são o espelho criativo da vida. Concluindo que a primeira comunicação da criança com o mundo é feita pelas suas garatujas onde expressa suas emoções. E quando ensaia a sua escrita, exercita a sua motricidade. Desenvolvendo a sua lateralidade, sua comunicação escrita, é quando exercita também a sua linguagem oral. Apresenta práticas cotidianas desenvolvidas por educadores atuantes nos Centros de Educação Infantil do município de São Paulo que atendem crianças de quatro anos e ações pedagógicas que visam o desenho cultivado como um dos possíveis instrumentos de mediação, assim como propostas de ampliação, curadoria e valorização da expressão infantil.

Palavras chave: Educação Infantil; Desenho; Linguagem e expressão.

1 INTRODUÇÃO

O desenho é considerado uma das múltiplas linguagens da criança e por se tratar de uma atividade clássica desenvolvida na educação infantil permite uma importante relação na aprendizagem. As crianças por sua vez, em toda sua plenitude e vigor apresentam suas marcas, suas manifestações expressivas por meio de desenhos, pinturas, esculturas, danças e tantas outras. Marcas essas que nem sempre são compreendidas e, muitas vezes, enfraquecidas devido à ausência de propostas que garantam um direcionamento adequado às produções infantis e a criação de contextos para exploração dos processos.

Nesta concepção e dentro da inquietação profissional, tratar dos desafios para a busca de um equilíbrio entre a iniciativa da criança e a intencionalidade do professor mapeia uma proposta significativa ao meio acadêmico com consequente relevância social. Isso porque, a criança pequena, hoje é reconhecida em sua plenitude e tem o direito de vivenciar experiências desencadeadoras e positivas ao seu desenvolvimento, alcançar mecanismos que a tornem posteriormente um cidadão participativo, da qual a tendência construtivista almeja e considera apoiada em teorias psicológicas e sociais essenciais à formação dos indivíduos.

Reconhecemos a existência de vários conceitos e estudos acerca do desenho infantil. Entre eles, os que embasam esse olhar a uma análise psicológica que relaciona a produção infantil à expressão de sentimentos e conflitos internos da criança; outros apresentam importantes contribuições a respeito do desenvolvimento de suas produções gráficas, qualificando-as como documento da personalidade infantil.

Entretanto, esta pesquisa tem como foco a relação existente entre o desenho – uma das linguagens infantis – e a atuação do professor na contribuição para os avanços dessa produção, sua intenção nos apontamentos e caminhos para o cultivo do desenho com consequente mediação de experiências transformadoras à criança. Assim, o Desenho como Instrumento de Mediação Pedagógica será o tema dessa discussão.

A problemática que envolve a pesquisa é direcionada a como o professor pode por meio do desenho atuar de modo a ampliar a capacidade de criação da criança de quatro anos que frequenta os Centros de Educação Infantil da Prefeitura do Município de São Paulo.

Esta pesquisa tem como objetivo identificar e analisar teorias de base e práticas pedagógicas que possam possibilitar a compreensão do desenho como instrumento de mediação pedagógica na educação infantil.

Acredita-se que entre as causas pelas quais o professor atuante na educação infantil não consiga mediar tal aprendizagem, seja entre outros aspectos, dada por uma formação acadêmica inadequada e insuficiente à compreensão sobre as múltiplas linguagens da criança e suas relações com o meio. Por outro viés, encontramos educadores que compreendem o desenho como rabiscos sem sentido e não atribuem a eles sua devida importância.

O desenho pode ter função terapêutica, sendo capaz de um resultado extraordinário. Pela vivência que se têm, pode-se comprovar que aquelas crianças que têm oportunidade de momentos de estímulos e apoio as suas manifestações artísticas, saem da apatia e isolamento, esquecendo por mo-

mentos o quadro que estão vivendo, manifestando melhoras significativas no seu estado geral. Isso evita que entrem em estado depressivo o que é muito comum nestes casos.

Nesta concepção passam a utilizar como recurso pedagógico em suas práticas cotidianas desenhos prontos, sem sentido real e estereotipados, com a intenção de direcionar os riscos da criança de modo mecanizado, o que impossibilita um desenvolvimento pleno da criatividade e expressividade da criança.

Assim, procurasse fundamentar junto às teorias existentes práticas pedagógicas que proponham e fomentem o desvelar, o descobrir, dar espaço à criança, o ampliar, o permitir a apropriação dos espaços, a sensibilização a respeito da importância da curadoria e valorização da expressão infantil.

De acordo com as concepções apresentadas, relevasse nesta pesquisa a importância transferida ao professor, no sentido de que disponha e desenvolva um olhar sensível e educativo ao analisar uma atividade artística produzida pela criança. A responsabilidade da orientação e valorização do desenho infantil nas práticas cotidianas, assim como suas intervenções possibilitam a criação de formas artísticas mais elaboradas e o desenvolvimento global do indivíduo.

2. O DESENHO COMO FORMA DE EXPRESSÃO DA CRIANÇA

O desenho é uma linguagem que faz parte do mundo infantil e um dos modos utilizados por educadores na ampliação da criatividade e construção do conhecimento de modo significativo. Segundo Gobbi (2002):

> (...) o desenho dos pequenos enquanto produção a ser analisada e percebida de forma séria e particular leva-nos, antes de tudo, a sublinhar que consideramos estas crianças como sujeitos singulares que são contextualizados, possuidores e criadores de história e de cultura (...)". (GOBBI, 2002, p.93)

Por meio de símbolos simples, a criança passa a desenvolvê-los no espaço bidimensional do papel, na areia, na parede ou em qualquer outra superfície, e observa, também, a forma nos desenhos presentes no meio ambiente e nos trabalhos aos quais ela tem acesso. Transferindo esse conhecimento em suas próprias produções, a criança observa que o desenho serve para expressar tudo o que ela entende sobre o mundo.

Pelo desenho, a criança cria e recria individualmente formas expressivas, integrando percepção, imaginação, reflexão e sensibilidade, que podem ser apropriadas pelas leituras simbólicas de outras crianças e adultos. O ato de imitar, utilizada no desenho pela criança desenvolve uma função importante no processo de aprendizagem. Ela expressa uma experiência pessoal, na apropriação de conteúdos, formas e de figuras a partir da representação. Gobbi ressalta essa função do desenho no mundo infantil: "Podemos entender o desenho como uma das formas que as crianças lançam mão para tentar organizar, realinhar o mundo do qual fazem parte". (Gobbi, 2002, p. 132)

A história da educação é regrada por influências de um ensino tradicional, centrada na figura do professor que apresentava práticas conservadoras, sobretudo em relação ao desenho na educação infantil. Segundo Iavelberg (2008, p.15) "Na escola tradicional, o meio ditava as regras de acomodação da criança a modelos para aprender a desenhar, por intermédio da repetição de exercícios de treino de habilidades (...)".

Para aprender a desenhar, era preciso seguir um modelo por meio de desenhos prontos, cópias, ou contorno de linhas pontilhadas. Acreditava-se que desta maneira era possível desenvolver habilidades gradativamente, até os traços se tornarem precisos, para isso o aluno deveria ter um modelo pronto a ser seguido, e só depois conseguiria ampliar sua criatividade. Entretanto, com a influência do movimento da Escola Nova e suas ideias inovadoras que rejeitam esse tipo de ensino tradicional e entendem o desenho como expressões, o ato de desenhar é defendido como livre, espontâneo e naturalmente criativo.

De acordo com Iavelberg: "Na escola renovada o desenho é compreendido como atividade expressiva, livre e natural da infância, com centro no individuo, na exploração livre de materiais e técnicas (com foco no processo, e não no produto) e no desenvolvimento do potencial criador". (Iavelberg, 2008, p. 15)

O movimento da Escola Renovada conta com alguns pesquisadores que estudaram de forma relevante o desenho infantil. Entre eles, estão os apontamentos de Luquet, Lowenfeld, Mèridieu, Kellog.

Luquet afirma que a criança desenha para brincar, e embora algumas de suas produções traduzam o realismo, tais apontamentos são feitos por que a criança quer brincar com o que imagina e vê, portanto a partir da brincadeira a criança passa por diversas fases da imitação até chegar à consolidação de sua realidade. "(...) Luquet (1913) opera dentro de uma perspectiva renovada e desenvolvimentista (...) observou muitos desenhos de crianças e delineou estágios descrevendo os procedimentos que os caracterizam. " (Iavelberg, 2008, p. 37)

Outro estudioso do desenho foi

Lowenfeld que defendia a ideia do desenho espontâneo no qual a criança desenha para desenvolver sua criatividade de forma integral. Iavelberg comenta (2008, p. 41) "Lowenfeld defende a ideia de autoexpressão. Valoriza mais a forma de expressão, que deve ser fruto único das intenções do sujeito, que o conteúdo pode ser imitado de outrem".

Tais apontamentos demonstram que Lowenfeld não acredita que a criança desenha por imitação, mas sim por submissão, e defende a prática educativa como incentivo para auxiliar o desenvolvimento artístico do aluno de forma livre e espontânea.

Na visão de Florence Mèridieu, as produções infantis denotam a importância na evolução gráfica e não da representação. Defende a ideia de que o desenho inicialmente é realizado como forma de exploração e brincadeira e também como inferência do meio. Iavelberg (2008, p. 44) "Observamos que a ação sobre o próprio desenho e os fatores de estrutura cognitiva têm dois aspectos, bastante significativos, envolvidos na construção da atividade gráfica".

A autora Rhoda Kellogg realizou pesquisas em mais de 300 mil desenhos infantis e acredita que este inicialmente é inato até que a criança abstraia o conhecimento e consiga situá-lo em suas produções gráficas. "(...) prevê a criança passando por estágios dos padrões (rabiscos básicos e padrões de disposição) (...) desenho (combinações e agregados – tipos de diagramas mandalas, sóis, e radiais)

(...) expressões pictorias (figuras humanas, casa, plantas, e outras temáticas) ". (Iavelberg, 2008, p. 49).

Para Iavelberg o desenho deve ser utilizado na prática educativa de forma cultivada. Nesta concepção o desenho cultivado é caracterizado por três momentos: ação, imaginação e apropriação. Iavelberg (2008, p. 66) afirma que "No desenho cultivado o conhecimento técnico e o fazer expressivo caminham lado a lado. Os desenhos iniciais são pré-simbólicos e progressivamente vão constituindo-se como símbolos".

De acordo com RCNEI o desenho se destaca por sua relevância no fazer artístico e no desenvolvimento das demais linguagens visuais. Assim, o progresso do desenho contempla mudanças significativas que abrangem desde a passagem dos rabiscos iniciais e da garatuja a construções cada vez mais elaboradas, dando origem aos primeiros símbolos. "O desenvolvimento progressivo do desenho implica mudanças significativas que, no início, dizem respeito á passagem dos rabiscos iniciais da garatuja para construções cada vez mais ordenadas, fazendo surgir os primeiros símbolos " (RCNEI,1998, p. 92)

O desenho é uma linguagem gráfica que tem como finalidade representar a criação infantil, é um produto do que a criança vê e vivencia, ele também é uma forma de representação, um signo. As operações com signos vão sendo construídas ao longo do tempo, por meio das relações sociais estabelecidas. Os gestos são inicialmente, o elo entre as garatujas produzidas pelas crianças e seu verdadeiro sentido, e só a partir de uma fala mais elaborada é que esta passa a ser um elo intermediário. Segundo Vygotsky (1998, p. 146) "Assim, um objeto adquire uma função de signo, com uma história própria ao longo do desenvolvimento, tornandose, nessa fase, independente dos gestos das crianças".

Vygotsky (1998, p. 224) afirma que "O caminho do objeto até a criança e

desta até o objeto passa por outra pessoa". Por isso, o conceito de aprendizagem mediada tem um papel privilegiado ao professor, pois ele é a figura essencial do saber por representar um elo intermediário entre o aluno e o conhecimento disponível no ambiente. Mediação se caracteriza na relação do homem com o mundo e com os outros. É por meio desse processo que as funções psicológicas superiores, especificamente humanas se desenvolvem.

2.1 O DESENHO COMO REPRESENTAÇÃO DE SIGNIFICADOS

Como foi apontada anteriormente sob a perspectiva histórico-cultural, a memória configura-se como uma capacidade fundamental, já que ela armazena as informações adquiridas pelo homem. Com isso, o desenho infantil torna-se uma representação dos elementos arquivados na memória da criança. "De acordo com Vygotsky, a memorização implica também significação já que a criança memoriza apenas o que faz sentido para ela" (MORASSUTTI, 2005, p. 50).

O processo de significação se dá em meio às interações sociais, modo como ocorrem as transmissões culturais. Os objetos, conforme a cultura, recebem uma compreensão diferente, interpretada de acordo com as formas de pensamento e comportamento estabelecidas em determinado lugar. Desse modo, primeiro a criança passa por objeto de interpretação do adulto, para depois, internalizar os significados dados aos seus movimentos e elementos externos.

Em seu desenvolvimento psicológico, o ser humano apropria-se de formas culturais de ação. A gênese social do desenvolvimento é marcada por movimentos do bebê que inicialmente são interpretados pelo adulto como ações intencionais. Vygotsky (1989) ilustra a dinâmica desse processo com o movimento de agarrar um objeto que é transformado em gesto de apontar devido à significação que o adulto dá a ação da criança.

Um simples movimento torna-se gesto a partir da relação estabelecida entre o bebê e o adulto. A ação que inicialmente tinha um significado compartilhado, torna-se uma ação do próprio sujeito (SILVA, 1993, p. 12).

Fica a encargo de a linguagem possibilitar a atribuição de significados aos desenhos, uma vez que é por meio da palavra que se nomeia o pensamento e, portanto, também a materialização destes, já que podemos conceber a produção gráfica da criança como uma projeção da realidade vivenciada por ela.

Pode-se assim afirmar que o desenho infantil é uma forma de materialização da imaginação da criança: desenhando a criança projeta na realidade construída seus próprios significados, ou seja, retrata a realidade conceituada. (MORASSUTTI, 2005, p. 50)

A linguagem, portanto, é a responsável pela troca objetiva de conhecimentos entre os indivíduos. Carregada de significados, ela contribui para a compreensão da realidade existente por meio da palavra. Está caracterizada como um signo possibilita a interpretação de sentidos, os quais transformam com o auxílio da imaginação, a realidade vivenciada, em realidade conceituada.

Com isso, em seus desenhos, a criança demonstra aquilo que sabe sobre o objeto, de acordo com a interpretação que desenvolveu, no decorrer de suas experiências, quanto a sua função e suas características atribuídas culturalmente.

A atribuição de sentidos e significados se dá, portanto, ao longo da existência humana, no decorrer de seu desenvolvimento, em meio às interações com outros seres humanos. As experiências e o saber acumulado por meio delas contribuem para a capacidade humana de combinar os conhecimentos adquiridos, de maneira a construir novas realidades, significando-as, transformando-as em realidades conceituadas.

Essa possibilidade de perceber o homem como um sujeito social e interativo em que ele próprio atua em seu desenvolvimento, porém não de modo isolado, mas em meio a outras pessoas, se configura como a característica principal porque adotamos a teoria histórico-cultural como referencial desse trabalho, pois como afirma Silva (1993):

A perspectiva histórico-cultural permite criticar e superar as concepções maturacionistas a respeito do grafismo, porque possibilita ver o desenho como um signo empregado pelo homem e constituído a partir das interações sociais. Será que uma criança que não tivesse qualquer contato com seres humanos chegaria a desenhar, ou desenharia da mesma forma que uma criança "civilizada"? O contato com os pares não é fundamental para aquisição de formas amadurecidas de atividade, como o desenho? Possuir um substrato biológico não parece ser a única (ou principal) condição para o desenvolvimento da atividade gráfica (SILVA, 1993, p. 11-12).

Dessa forma, embora as análises de Vygotsky não sejam muito aprofundadas quanto ao desenvolvimento do grafismo infantil, ela nos permite refletir sobre aspectos que não são apontados pela visão maturacionista, pois nessa concepção teórica, como vimos anteriormente, a "... produção é concebida como um processo desvinculado do meio social e da cultura" no qual "compulsoriamente a criança passa por determinadas fases ou etapas do desenho, independentemente do meio em que está inserida" (SILVA, 1993, p.4).

A importância do outro não aparece como fundamentalmente importante nas demais concepções abordadas nesse trabalho, como encontramos nos pensamentos de Vygotsky. Os conceitos que possibilitaram o caminhar dessa pesquisa, a mediação e a significação, são essencialmente Vygotskyanos e sem eles nos ficaria muito difícil procurar responder o que indagávamos: "Como se dá o processo de desenvolvimento do desenho infantil, com e sem intervenção? "

Assim sendo, discutimos o conceito de significação aqui porque este nos auxiliará, juntamente com os estudos sobre a imaginação e sobre o processo de evolução do grafismo na infância, nas análises das produções gráficas dos sujeitos. Produções estas tanto as que foram realizadas no período da pesquisa, como as que estavam armazenadas e foram entregues pelas mães dos participantes.

Para que o processo investigativo, bem como os procedimentos utilizados para a análise dos resultados sejam esclarecidos, no próximo capítulo discorreremos sobre a metodologia assumida para desenvolver esse trabalho. Com isso, nos foi preciso dispor algumas considerações sobre os instrumentos e os participantes envolvidos no experimento, além da perspectiva metodológica adotada pela pesquisa como meio de se atingir os objetivos definidos.

2.2 O TRABALHO PEDAGÓGICO E A INTERVENÇÃO NO DESENHO DA CRIANÇA

A educação infantil ao longo do tempo passou por diversas modificações com o objetivo de se alcançar o modelo mais justo

e igualitário possível, e nos dias atuais ainda podemos perceber que ainda assim carece de inúmeros ajustes que caminhem com a intenção de atender a todos os sujeitos que precisem do suporte educacional das instituições escolares.

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), a função da Educação Infantil, no âmbito pedagógico, deve estar associada a padrões de qualidade que advém de concepções de desenvolvimento que considere as crianças nos seus contextos sociais, ambientais, culturais e, mais concretamente, nas interações e práticas sociais que lhes forneçam elementos relacionados às mais diversas linguagens e ao contato com os mais variados conhecimentos para a construção de uma identidade autônoma.

Assim, o professor precisa considerar, no desenvolvimento das suas práxis, atividades educativas que abarquem essas três dimensões de forma interligada, dando suporte para que o educando aprimore suas percepções acerca do mundo a sua volta e se potencialize como sujeito construtor de saberes.

É de fundamental importância que o espaço educativo seja organizado em benefício às necessidades das crianças que o compõe, considerando-se as faixas etárias, e para isso ele precisa ser visto como parte integrante da ação pedagógica visando proporcionar a guarda, alimentação e cuidados essenciais com a saúde e a formação educativa, e não mais considerado como um depósito de crianças sem fins educativos, como eram vistos a priori.

Desta forma, faz-se necessário preparar profissionais competentes, habilitados ao eficiente desempenho de suas funções, com senso de responsabilidade e solidariedade. A Educação Infantil precisa estender à comunidade às atividades de ensino e pesquisa visando a elevação do nível de educação e cultura, promovendo assim o intercâmbio das escolas com outras instituições educacionais.

É indispensável que as atividades sejam organizadas no tempo e no espaço, isso inclui o horário da chegada, da alimentação, das brincadeiras, da higiene dentre outros. Esses aspectos devem ser considerados dentro do respeito às necessidades sociais e históricas referentes à cultura de cada criança, sua autonomia, incluindo seus ritmos específicos para a realização das atividades propostas pelo professor.

Os materiais pedagógicos devem ser acessíveis às crianças, obedecendo às características específicas de cada faixa etária. É indispensável que as atividades na educação infantil efetivem-se a partir da utilização das distintas linguagens: musical, corporal, artística etc. A Educação Infantil possui dois importantes aspectos que não devem ser dissociados jamais, o cuidar e o educar, de forma que não podem ser desconsideradas as particularidades desta etapa de desenvolvimento da criança.

Deste modo, as creches recentemente abandonaram o simples caráter assistencial e se transformam em instituições educacionais, visando dar atendimento a crianças de zero a cinco anos. A atuação do professor torna-se indispensável para que os alunos avancem, construam e desenvolvam suas competências, em situações didáticas projetadas, com finalidades previamente determinadas, em atividades que propõem desafios, com preparo das formas de trabalho, previsão do tempo a ser empregado e intervenções pedagógicas consistentes.

Ao detectar esta ausência a escola deve estar atenta para buscar maneiras de fazer com que este aluno transponha as barreiras colocadas em seu percurso escolar. As dificuldades de aprendizagem na escola podem ser consideradas uma das causas que podem conduzir o aluno ao fracasso escolar. Não podemos desconsiderar que o fracasso do aluno também pode ser entendido como um fracasso da escola por não saber lidar com a diversidade dos seus alunos.

É preciso que o professor atente para as diferentes formas de ensinar, pois, há muitas maneiras de aprender. O professor deve ter consciência da importância de criar vínculos com os seus alunos através das atividades cotidianas significativas, construindo e reconstruindo sempre novos vínculos, mais fortes e positivos.

Para Candau (2005), não existem procedimentos mágicos, nem receitas a serem adotadas para que os educadores possam garantir que seus alunos aprendam. Mas, existem alguns pressupostos imprescindíveis, que precisam ser considerados no processo de ensino e aprendizagem e que podem ajudar na reflexão sobre como proceder para que a aprendizagem aconteça.

Para tomar decisões didáticas e planejar as atividades para serem boas situações de aprendizagem, o professor deve considerar: o nível de desafio das atividades; as intervenções pedagógicas mais adequadas e a seleção dos materiais. O educador deve ter a preocupação em torno de como alcançar intervenções pedagógicas adequadas para que os alunos avancem em seus conhecimentos.

Deste modo, a compreensão e reflexão do educador sobre a sua prática é fundamental para que o mesmo avalie sua ação produzindo estratégias capazes de favorecer o aprendizado dos alunos. Assim, precisa estar atento a como os alunos estão respondendo às suas intervenções pedagógicas. Outro aspecto relevante de ser apontado é que, na maioria das vezes, o educador, ao não registra suas ações pedagógicas, fica impedido de refletir sobre a sua prática, deixando de com-

partilhar o que fez e como fez e seus efeitos sobre os alunos.

O professor precisa avivar em si mesmo o compromisso de uma constante busca do conhecimento como alimento para o seu crescimento pessoal e profissional. Isto poderá gerar-lhe segurança e confiabilidade na realização do seu trabalho docente. Esta busca poderá instrumentalizá-lo para assumir seus créditos, seus ideais, suas verdades, contribuindo para referendar um corpo teórico que dê sustentação para a realização de seu fazer. (OLIVEIRA, 1994, p.64).

A inquietação do educador no que diz respeito a sua prática deve ser em criar possibilidades para o desenvolvimento progressivo da autonomia do educando, oferecer-lhe atividades específicas para ampliação das capacidades de ordem física, cognitiva, ética, religiosa, afetiva, interpessoal e de inserção social. Ao proporcionar a interação entre os alunos e com o educador, as situações de aprendizagem proporcionam a troca de conhecimentos.

Segundo Luck e Carneiro (1983), nesta interação os alunos discutem e refletem possibilidades de respostas e de perguntas, questionam e explicam como estão pensando determinada questão e trocam opiniões. Nessas ocasiões os alunos, por terem conhecimentos diferenciados, podem entrar em contato com formas variadas de resolução ou obterem informações que sozinhos não teriam. Neste sentido, é importante pensar e escrever sobre intervenções pedagógicas já que exige uma reflexão sobre o processo de ensino e de aprendizagem pelos quais passam os sujeitos professor e aluno nos seus processos de ação no cotidiano escolar.

Consideramos que as mediações pedagógicas são propulsoras das aprendizagens, tanto para os que ensinam como para os que aprendem. É importante destacar, também, que o papel do professor é o de acompanhar o aluno na sua trajetória e levá-lo a superação de suas dificuldades, buscando sempre uma de prática pedagógica centrada na estimulação ou no desenvolvimento das habilidades das crianças.

Desta maneira, fica explícita a importância da participação efetiva dos pais no desempenho escolar das crianças, visto que esta união favorece significativamente o processo de aprendizagem das crianças. Este estudo apresenta um recorte no contexto da interação família/escola e está centrado na parceria que estas instituições podem estabelecer entre si e as implicações da ausência da família sobre o processo educativo das crianças.

Também, buscamos investigar como a professora observada lida com as tarefas escolares propostas que retornam à sala de aula completas e/ou incompletas ou ainda sem serem realizadas. No capítulo seguinte apresentamos a metodologia, descrevendo todos os caminhos adotados para tornar possível a pesquisa. Apresentamos o tipo de pesquisa realizada, os instrumentos utilizados para coleta de dados, a sua sequência e o porquê da escolha por estes métodos.

2.3 OS TEÓRICOS E AS IMPLICAÇÕES PARA A PRÁTICA DO DESENHO INFANTIL

Muitos pesquisadores como Georges-Henri Luquet (1979), Viktor Lowenfeld (1977) e Florence de Méredieu (1974) desbravaram sobre as produções infantis, analisaram, organizaram em fases ou momentos conceituais, embora cada um com uma concepção diferente chegaram a diversas classificações sendo possível, porém estabelecer pontos comuns onde oferecem elementos para a compreensão dos desenhos das crianças.

Mais cedo ou mais tarde, todos os pequenos interessam em registrar no papel algo que seja reconhecido pelos outros. No começo é comum observar o que se convencionou chamar de boneco girino constituído de um círculo que sai um traço, representando um tronco, dois riscos para os braços e outros dois riscos para as pernas.

Depois esta figura incorpora cada vez mais detalhes, conforme a criança refina seu esquema corporal e ganha repertório imagético ao ver desenho de sua cultura e dos próprios colegas. Não sendo necessário que o professor "enlouqueça" ou se "desespere" nos primeiros desenhos de sua criança, pois com o passar do tempo automaticamente ela os aperfeiçoará.

à medida que a criança, já não se satisfaz com simples relação entre seu pensamento imagístico e o que desenha ou pinta quer agora estabelecer uma relação " verdadeira". "Veja, meu pai tem "uma cabeça e duas grandes pernas", portanto meu desenho é meu pai". Pela primeira vez consegue fixar uma analogia "real". (LOWENFELD, 1977, p.107)

Quando a arte é estudada clara e objetivamente pelo profissional que deverá ministrar, facilmente ele será capaz de interpretar o que é o desenho da criança; ela somente irá desenhar ou esboçar o que sente ou se passa naquele momento com ela, desenha o que está ao seu arredor, assim quando uma criança desenha outra criança batendo em um adulto, certamente um adulto a agrediu e sua vontade ela transcreve para o papel, uma vez que ela não poderá fazer o mesmo

naquele momento.

O papel, a tinta, o giz e o lápis, são grandes aliados do professor em sala de aula, em especial na Educação Infantil, uma vez que bem direcionado e sem intervenções, a criança falará tudo que o docente quer saber sobre ela, não sendo necessário o professor questionar muito a criança, porém observar e analisar o que o seu desenho diz.

Moreira (1993) destaca a importância da fase do desenho livre na Educação Infantil para a fase adulta criativa, e m seu estudo explica que toda criança desenha e passa primeiramente por esta fase para depois percorrer a fase da escrita. Esse é o seu modo de comunicar com o mundo. Através do desenho ela expressa seus sentimentos, seus medos, o que está vivenciando no presente da sua vida, é a fase do desenho como linguagem.

Gardner (apud MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 1998), o autor da teoria das inteligências múltiplas, vê, uma forma de conhecimento intuitivo, construída a partir da interação com o objeto físico e com outras pessoas, adquirida através do sistema de percepções sensoriais e interações motoras estimuladas pelo mundo externo, mesmo em crianças com dificuldades ou limitações físicas.

A criança passa a se comunicar através de seus desenhos, sendo uma forma de linguagem, ou seja, antecipa a escrita em forma de desenho. Em uma sala de aula existem diferentes tipos de crianças umas com mais habilidades no desenho ou pintura, embora o professor valorize e gratifique a criança com facilidades na escrita não poderá descartar que aquela criança com habilidades artísticas não seja uma criança de grande potencial intelectual. Assim, é necessário rever o conceito de "inteligência", pois para a grande maioria de nossos educadores, "inteligência" significa somente aquele educando com facilidade em aprender a ler e escrever, mesmo que seus desenhos sejam estereotipados.

Não se dá muito valor às crianças que fazem seus borrões ou linhas maltraçadas, elas comumente são "tachadas" como "sem capricho", "preguiçosos" e "maus alunos", é necessário valorizar as criações dos pequenos, apesar de nada significa para o professor, mas para eles há uma grande significação em seus maus desenhos, pois na Educação Infantil a criança começa a sua vida cívica, caso não respeite suas vontades quando adultos serão cidadãos sem personalidade. Disto resulta a necessidade dos educadores em respeitar e até elogiar suas obras mesmo que não seja de bom agrado aos olhos do professor, porém ela deve agradar ao seu criador.

Também Ferreira (2003, p.104), apoiada na psicologia histórico-cultural, afirma que "[...] a criança desenha para significar seu pensamento, sua imaginação, seu conhecimento, criando um modo simbólico de objetivação de seu pensamento".

Nesta perspectiva, não se pode caracterizar somente como conteúdos importantes os da escrita, pois o desenvolvimento da criança não está restrito somente a esta área.

Ferreira & Silva (2001) afirmam:

As impressões que as crianças têm da realidade experenciada não se amontoam, imóveis, em seu cérebro. Elas constituem processos móveis e transformadores, que possibilitam à criança agrupar os elementos que ela mesma selecionou e modificou e combiná-los pela imaginação.

O desenho que a criança desenvolve no contexto da escola é um produto de sua atividade mental e reflete sua cultura e seu desenvolvimento intelectual... (FERREIRA & SILVA, 2001, p.51).

Ignorar a contribuição do desenho para a aprendizagem é uma atitude contrária à própria evolução psicomotora da criança.

Quando ela encontra dificuldades em manusear um lápis, ou não possui coordenação motora, uma solução seria a pintura com os dedos utilizando areia, assim desenvolverá a coordenação motora fina.

Para tanto o professor deve disponibilizar diferentes recursos de artes, pois esta é um excelente recurso pedagógico para o desenvolvimento da criança, trazendo grandes benefícios ao crescimento de seu aprendizado e linguagem.

De acordo com Derdyk (1993) salienta o poder de evocação - e interpretação – da imagem visual. O desenho, forma de pensamento, propicia oportunidade de que o mundo interior se confronte com o exterior, a observação do real se depare com a imaginação e o desejo de significar. Assim, memória, imaginação e observação se encontram, passado e futuro convergindo para o registro da ação no presente. Como pensamento visual, o desenho é estímulo para exploração do universo imaginário.

As crianças ao serem expostas às diferentes linguagens expressivas em um ambiente enriquecido diariamente pela arte poderão ser melhores conhecedoras e apreciadoras das manifestações artísticas; pessoalmente acrescentamos que a criança que é constantemente exposta a esse tipo de ambiente certamente tornarse-á um adulto solidário, atento as necessidades das pessoas que estiverem ao seu arredor, mais criativo e coerente na exposição de suas ideias.

Sendo assim, evidencia-se a importância em colocar a criança em contato com a arte desde cedo. Disto resulta ser preciso fa-

zer uma leitura atenta enquanto o desenho é produzido. A relação entre a aquisição da escrita e a diminuição quando a criança se alfabetiza é algo a ser repensado em defesa de nossos desenhistas, para dessa forma cair por terra o mito de que ela se afasta dessa prática quando alfabetizada. Esta é uma das funções do professor, ou seja, deixar as crianças utilizarem sua imaginação através dos desenhos.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o ato de desenhar como resultado de um percurso criativo e necessário no processo de construção do conhecimento infantil e a atualização e

intervenção pedagógica imprescindíveis nessa concepção, elencamos propostas, meios e suportes alternativos para promoção e ampliação de aprendizagem por meio do desenho de forma significativa.

Dentro dessa perspectiva, e com objetivo no desenvolvimento da capacidade desenhista é necessário, entre outras ações, estimular e valorizar as criações infantis. Nessa relação, o ato de desenhar com frequência, a apreciação de outros desenhos (colegas, na comunidade e outros artistas) e o registro de desenhos favorece a aprendizagem.

O exercício de desenhar aperfeiçoa qualitativamente os movimentos motores, assim como a observação desvela possibilidades antes desconhecidas, além de ampliar o repertório infantil. Incorporar temas de interesse e curiosidade da criança estimula e significa o fazer artístico, para tanto, o educador deve ampliar sua visão e incluir em suas práticas propostas de iniciativa própria da criança.

No que se refere aos meios, materiais e suportes necessários para o efetivo desenvolvimento das habilidades infantis, sugere-se a introdução de variados materiais e superfícies. Assim, a intervenção do professor na apresentação desses diferentes e variados materiais didáticos ampliam as possibilidades de pesquisa e criação das crianças. Nesse sentido e a fim de criar contextos de exploração é recomendado que o educador ultrapasse em suas práticas a fronteira estabelecida pelo tradicional uso do giz de cera sobre uma folha de sulfite.

Combinar diferentes elementos, possibilitar a livre exploração, organizar os espaços, valorizar as criações e refletir sobre o equilíbrio entre a intencionalidade do professor e a criatividade da criança são saberes necessários para o alcance de objetivos que prezam essa atitude de construção.

O desenho é a sua primeira comunicação escrita, são os seus primeiros símbolos; manifestando aquilo que sente e não propriamente o que vê. Se desde cedo for estimulado a expressar os seus sentimentos, na sua maturidade, talvez possa ser uma pessoa mais confiante e feliz e isso poderá contribuir para melhorar um pouquinho o mundo.

Por tudo o que foi pesquisado e apresentado, conclui-se que a proposta da pesquisa é muito importante para a reflexão do educador e a construção de um mundo mais humano e mais feliz, contando com futuros cidadãos conscientes e realizados. O amor é a principal formula facilitadora do processo educativo e sem visão positiva é impossível fluir este sentimento.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil. Vol.3. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CANDAU, Vera Maria (Org.). A Didática em Questão. 25ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

DERDYK, Edith. Formas de pensar o desenho: O desenvolvimento do grafismo infantil. São Paulo: Scipione, 1993.

FERREIRA, Sueli. Imaginação e linguagem no desenho da criança. 3ª ed. São Paulo: Papirus, 2003.

GOBBI, Márcia. O desenho da criança pequena: distintas abordagens na produção acadêmica em diálogo com a educação. Rio de janeiro: Ravil, 2002.

IAVELBERG, Rosa. O desenho cultivado da criança: Prática e educação de educadores. 2. Ed. Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.

LOWENFELD, Viktor; BRITTAIN, W. Lambert. Desenvolvimento da capacidade criadora. São Paulo, Editora Mestre Jou, 1977.

LUCK, Heloisa e CARNEIRO, Dorothy Gomes. Desenvolvimento afetivo na escola: Promoção, medida e avaliação. Ed Petrópolis-RJ. Editora Vozes Ltda.1983.

LUQUET, G. H. O desenho infantil. Porto: Civilização editora, 1969.

MORASSUTTI, Mara Silvia Aparecida

Nucci. A escola e a pré-escola no imaginário de crianças da educação infantil. São Carlos: UFSCar, 2005.

MOREIRA, Angélica Albano. O espaço do desenho: a educação do educador. 13ª ed. São Paulo: Editora Loyola, 1993.

OLIVEIRA, Vera Barros de; BOSSA, Nádia (orgs.) Avaliação Psicopedagógica da criança de zero a seis anos. Petrópolis: Rio de Janeiro, 1994.

SILVA, Silvia Maria Cintra da. Condições sociais da constituição do desenho infantil. Campinas: UNICAMP, 1993.

VYGOTSKY, L. S. A Formação Social da Mente: O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores. Tradução de José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 6. Ed. São Paulo: M